



EDITORIAL

EDITORIAL

DOSSIÊ: EPISTEMOLOGIAS DO CORPO E DO MOVIMENTO EM PRÁTICAS EDUCATIVAS

As mangueiras de Belém estendiam uma sombra que aliviava o calor daquele fim de tarde de domingo. Caminhávamos em direção ao cinema Líbero Luxardo, para assistir à estréia de *Corpo Elétrico* (MARCELO CAETANO, 2017), e conversávamos sobre os muitos sabores de sorvetes e sucos que só a Amazônia nos dá e as memórias que esses sabores despertam, tal como a famosa *Madeleine* de Proust em *Em Busca do Tempo Perdido*. Mas, diferentemente de Proust, tínhamos que andar rápido rumo ao nosso destino, porque o mormaço equatorial vencida as sombras das frondosas mangueiras em alguns trechos da avenida que, naquele dia, estava estranhamente silenciosa...

Ao chegar ao cinema, notamos que a fila já se formara. Os espectadores, como de costume, levantavam hipóteses sobre o filme, a partir do seu título. “Que corpo?” “Que eletricidade?” “Por que um corpo elétrico?” “Você viu o trailer? O cartaz é meio enigmático!” “Dizem que é um filme sobre o corpo do proletariado...” “Não, é sobre corpos trans...”. Nós escutávamos meio que sem querer o burburinho, enquanto falávamos sobre como as pesquisas acerca do corpo, no Brasil e fora dele, têm se lançado corajosamente sobre temáticas novas, renovado as já tradicionais e inovado no que concerne às metodologias de pesquisa. Empolgados, levantávamos a possibilidade de organizar um dossiê que tocasse essa diversidade de investimentos epistemológicos quando, de repente, as portas se abrem e a nossa discussão foi interrompida – ou melhor, enriquecida – pela exibição do longa. Ao fim, surpreendidos pelos diferentes e múltiplos



sentidos dos corpos de *Corpo Elétrico*, a nossa conversa terminou com um verdadeiro choque provocado pelas lentes de Marcelo Caetano. Sabíamos, evidentemente, que não poderíamos dar conta da vastidão dos estudos sobre o fenômeno em xeque, mas poderíamos, tal como o cineasta, oferecer ângulos, miradas que desenhasssem uma certa paisagem epistemológica em torno da existência incorporada. E assim fizemos.

Deparamo-nos com a grata surpresa de, em pleno fim de ano – quando em nossas instituições estamos consumidos pelo encerramento das atividades – recebermos quase cinquenta manuscritos. Por outro lado, a excelente qualidade dos textos, proveniente de variadas regiões, instituições e programas de pós-graduação do país e do exterior, tornou árdua a tarefa de selecionar aqueles que mais se aproximassem do cenário que gostaríamos de esboçar. Corremos o risco de deixar passar alguma cena desse horizonte, o que certamente aconteceu. Todavia, se no cinema a montagem é um tipo de estratégia pedagógica e estesiológica do cineasta, da qual ele lança mão para conduzir e imergir o olhar do espectador, aqui a nossa escolha teve a mesma intenção. Este dossiê é um recorte de uma epistemologia do corpo, não o único.

Na presente ocasião, o corpo é investigado por meio de diferentes matrizes epistemológicas, tais como a fenomenologia, o marxismo e a perspectiva da motricidade humana. O debate sobre as epistemologias do corpo – isto é, sobre os modos a partir dos quais o corpo produz e insere-se, ao mesmo tempo, num regime de inteligibilidade do real – transversaliza áreas do conhecimento como a filosofia, a sociologia, a antropologia e a educação. Em estudos qualitativos, estes domínios do saber concebem o corpo em movimento e o seu sentir mesmo, a sua estesiologia, em vivências experienciadas na diversidade cultural, etnicorracial, de gênero e sexualidade, bem como nos cruzamentos destas experiências com artefatos culturais e tecnológicos. Essas temáticas perpassam a vida em sociedade e as práticas educativas nela desenvolvidas, em espaços escolares e



não-escolares, pondo em relevo outras epistemologias. Nestas, o corpo como maneira de ser, de estar, de sentir e de desejar configura-se como princípio de organização e de dilatação do conhecimento.

Os textos são assinados tanto por jovens estudantes e pesquisadores quanto por autores cujas obras já são conhecidas nacional e internacionalmente no âmbito dos estudos do corpo. De algum modo, é uma ousadia que os une, uma vibração diferente, uma certa eletricidade nascida do corpo e emanada em seus textos. Quatro deles dedicam-se a aprofundar-se alguns temas caros às matrizes epistemológicas supracitadas. O texto intitulado *A percepção é um modo de desejo: notas sobre a estesiologia de Merleau-Ponty*, de Avelino A. de Lima Neto, nos conduz num passeio pela apropriação merleau-pontiana da noção freudiana de desejo, aprofundando-se na estesiologia, uma experiência do sentir mesmo que participa da reabilitação ontológica do sensível radicalizada por Merleau-Ponty em seus últimos cursos no *Collège de France*. Já o artigo *Lenguaje y acción para la comprensión del ser*, de Daniel Fernández Manero, José María Pazos Couto e Eugenia Trigo debruça-se sobre a relação entre corpo e linguagem, dos gregos à contemporaneidade, apontando a racionalidade corpórea que lhe subjaz.

Trazendo o debate para o contexto latino-americano, o manuscrito *Epistemologia sul-corpórea: por uma pedagogia decolonial em Educação Física*, da autoria de Arliene Stephanie Menezes Pereira, Daniel Pinto Gomes e Klertianny Teixeira do Carmo, num aporte com as contribuições da epistemologia do sul de Boaventura de Sousa Santos e com os estudos da decolonialidade, perturba o lugar comum do corpo na produção do conhecimento, especificamente no domínio da Educação Física. Ainda neste mesmo âmbito, Wagner Wey Moreira e Marcus Vinícius Simões de Campos, no texto *Corporeidade, motricidade humana e cultura esportiva: princípios fundamentais para práticas educativas*, situando-se na educação formal, oferecem elementos para uma



reflexão acerca de práticas educativas em movimento e a importância desta nos cursos de formação de professores.

Cinco textos dedicam-se a descrever e a problematizar relatos sobre experiências em práticas educativas. André Bocchetti, inspirando-se em Deleuze e Foucault em *O furor como método: sentidos educacionais de uma prática somática*, imerge na experiência da biodança, pondo-nos em contato com relatos que descrevem atravessamento de corporeidades e experiências desencadeadoras de uma possível ética somática. Situando-se no contexto da formação docente, o artigo *Apartado – Sala 23: memórias, afetos e corporeidade negra na formação de professores*, de Francione Oliveira Carvalho e Thalita de Cassia Reis Teodoro, descreve a imersão sensorial na corporeidade negra como experiência estética e educativa, capaz de facultar uma decolonização da educação. Hiran Pinel e Rodrigo Bravin, por sua vez, em *Corpos que educam: ser sendo (trans) educadora social*, inspirando-se nas implicações fenomenológicas do trabalho de Paulo Freire, remete-nos à carne de uma educadora *trans* em sua prática de educação social, capaz de reformular a rua e o trabalho, dando-lhe novos sentidos, que se materializam em resistências.

Ainda no âmbito das práticas educativas, o texto *Significações e ressignificações do corpo: uma experiência a partir da Teoria das Cinco Peles*, assinado por Dênis Davi de Oliveira Decussatti e Iraquiton de Oliveira Caminha, ao recorrer à Teoria das Cinco Peles de Handertwasser, lança-nos fenomenologicamente para uma classe de Ensino Fundamental, na qual as crianças aprendem a perceber e a ressignificar a própria corporeidade. Por fim, o ensaio, *Emergir na natureza: uma educação para a ecologia corporal e lazer emersivo*, de Bernard Andrieu, Petrucia Nóbrega, Luiz Arthur Nunes da Silva e Laís Saraiva Torres, ao relatar situações extremas de sujeitos na natureza, insere-



nos no contexto teórico da ecologia corporal e da imersão e emersão sensoriais que lhes são familiares, mobilizando técnicas corporais e uma outra educação dos sentidos.

Finalizando o dossiê, e como contribuição ao campo de emergência de saberes e poderes sobre o corpo na atualidade, o texto *El Big Data como actualización del panóptico de Bentham y los movimientos de la educación entre los mundos físicos y virtuales*, assinado por Iván G. Silva Miguel e Simone Becher Araújo de Moraes, recorre à teorização foucaultiana sobre o panóptico de Bentham. Os autores o fazem com vistas a problematizar novas formas de disciplinamento e a fluidez crescente das fronteiras entre o corpo material e as virtualidades criadas pelas tecnologias, especificamente pelo *Big Data*.

Após a sua organização, o dossiê pareceu-nos assemelhar-se ligeiramente a uma sequência de cenas de *Corpo Elétrico*. Nela, ao final de um dia extenuante de trabalho, os funcionários saem juntos da fábrica de roupas onde são empregados. A porta é fechada, e a noite se abre para eles. Agora, tudo se transforma. Eles ocupam o espaço da rua, conversam entre si. A câmera foca em uns, em todos, depois somente em duplas novamente. A sequência beira uma improvisação, um ensaio. É claro que o fato de serem proletários une aquelas vidas. Todo dia travam uma luta para sobreviver. Novas escolhas são feitas. A vida deles é perpétuo ensaio, acompanhado de música, bebida, desejos, sexualidade, afetos, transgressões de normas e denúncia constante da arbitrariedade destas. Nos seus corpos está inscrita a realidade que nos choca, mas a potência de vida deles também desenha outros caminhos nos quais essa eletricidade pode se alastrar. É assim que intencionamos apresentar à comunidade acadêmica esse dossiê: uma energia incendiária que atravessa o continente e extrai do corpo princípios epistemológicos para a organização do conhecimento, para a transformação de nossas práticas educativas e para a vida em movimento.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Belém/PA, cidade das mangueiras, dezembro de 2017

Marta Genú Soares

Universidade do Estado do Pará

Programa de Pós-Graduação em Educação/UEPA

Grupo de Pesquisa Resignificar

Avelino A. de Lima Neto

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do
Norte*

Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN

Grupo de Pesquisa Estesia – Corpo, Fenomenologia e Movimento